



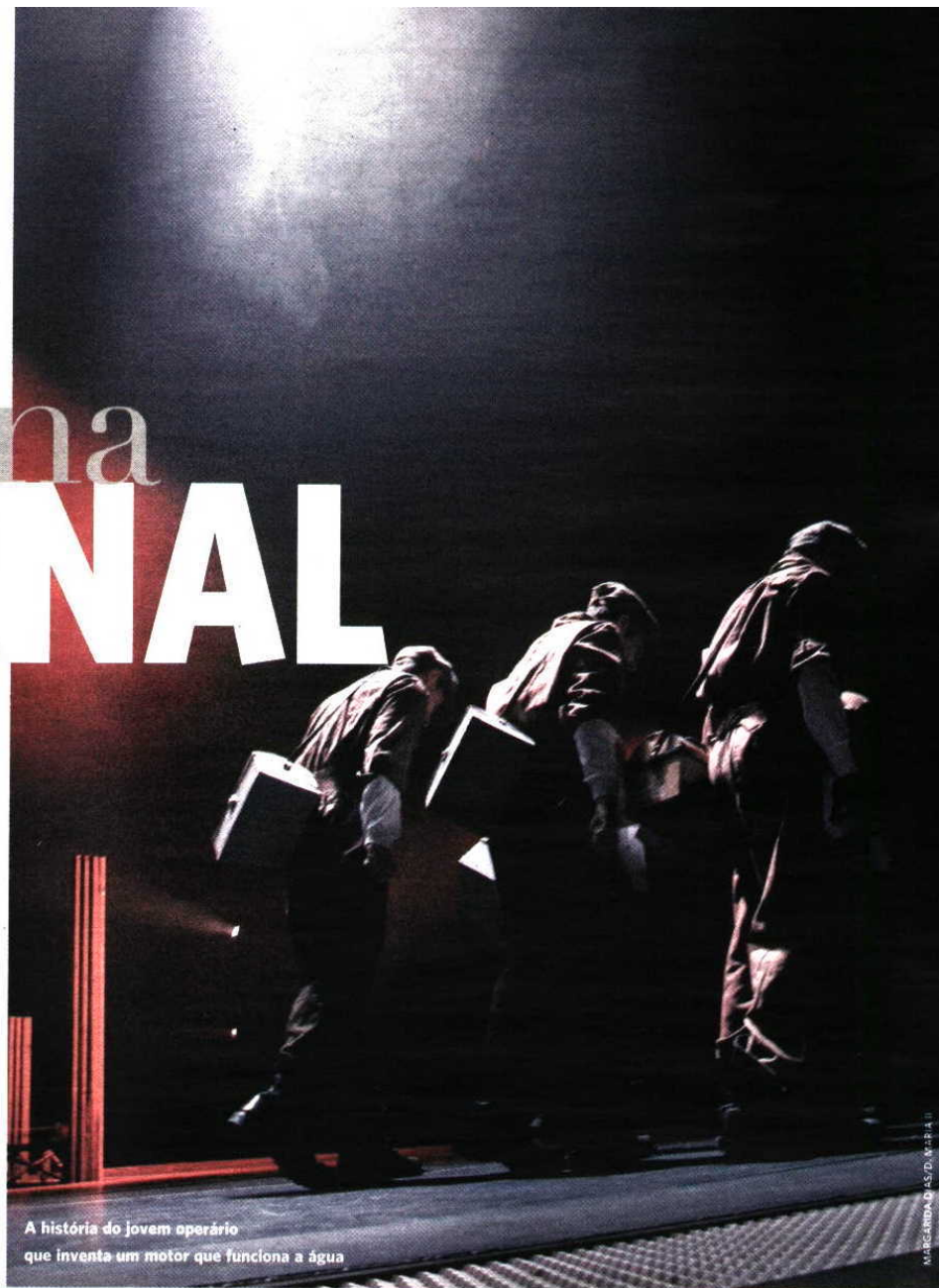
teatro

Máquina INFERNAL

Uma das primeiras peças radiofónicas de David Mamet chega ao palco nacional **Texto de Cristina Margato**

Por que razão um motor a água não haveria de ser a solução para o problema energético do Mundo? O dramaturgo norte-americano David Mamet (n. 1947) pensou nessa hipótese em meados dos anos 70 e decidiu localizar a questão, em Chicago, cinquenta anos antes, no ambiente desesperado do período pós «crash» financeiro. O resultado é **The Water Engine** — **An American Fable**, texto que na versão que Maria Emília Correia encenou para o Teatro Nacional D. Maria II se chamará **Um Conto Americano** — **The Water Engine**.

A história do jovem operário Charles Lang (Luís Gaspar), que inventa um motor que funciona a água e apesar disso soçobra no seu sonho de viver o resto da sua vida na pradaria, longe da poluída urbe, foi uma novela que David Mamet remeteu para a gaveta durante anos e resgatou na década de 70, quando foi desafiado para responder a uma encomenda de uma estação radiofónica. **The Water Engine** fez-se ouvir pela primeira vez na Rádio em 1977 e ganhou um novo formato em 1992, transformando-se num guião de cinema que um dos ex-alunos de Mamet, Steven Schachter, realizou para um canal de televisão. As duas obras são, de resto, a matéria do espectáculo que o director do Teatro D. Maria II, Carlos Fragateiro, propôs a Maria Emília Correia, no pressuposto de que a sua temática se encaixa na discussão actual sobre a «introdução do pilar das energias renováveis na terceira revolução industrial ou revolução tecnocientífica».



A história do jovem operário que inventa um motor que funciona a água

Maria Emília Correia opta por fundir o texto cinematográfico e o radiofónico, tentando, por um lado, «nunca fugir ao espírito da letra», e evitando, por outro lado, a perspectiva oficial e institucional do filme.

Daquilo que Mamet escreveu pouco ou nada fica de fora, garante a encenadora, num espectáculo em que a música (que seleccionou com a ajuda de Rui Vieira Nery) tem um papel fundamental e ao qual pretende imprimir um ritmo que nunca é descontinuo: «Mamet é muito conciso. Só estão no texto as palavras que são mesmo necessárias, embora ele goste de incluir muitas cenas do quotidiano, que não obstem mas também não continuam a história e acabam mesmo por ser dispersantes em relação ao todo. Mas mesmo assim achei que não devia cortar e fiz uma fusão, um cruzamento de várias cenas.»

Perante os vários caminhos possíveis para a dramaturgia, Maria Emília Correia preferiu sublinhar a questão do indivíduo «versus» a instituição, ou a do indivíduo sozinho contra o poder sem rosto; e, por outro, a de que os poderes económicos são os principais responsáveis pelo

não avanço da ciência. Na verdade, o centro do espectáculo acaba por ser o próprio engenho ou o sistema, mais do que as inúmeras personagens (o elenco é enorme). Esta máquina infernal, que pretendeu representar um plataforma petrolífera, acabará por se transformar num bairro operário, num «ground zero»... «funcionando com um 'puzzle', um brinquedo que temos em cena e que nunca pára». Um mecanismo complexo de regras emaranhadas e poder infinito que corresponde, em parte, ao sistema contra o qual Charles Lang pouco ou nada pode fazer... para que um dia vença o seu motor movido a água. Na verdade, não é a invenção que não se adequa, é o contexto, o inferno no qual ela se anuncia.

cmargato@expresso.pt

Um Conto Americano — The Water Engine de David Mamet

Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa,
estreia dia 6, até 15 de Junho